



Introdução

Desconhecido

Maurice Filho, Robert, Natal, Paula Francinete

Ricardo?

Marcelo Correa

Julio Correa

Marly, Marina e Maria

Alessandro Jamas

Carlos Antonio de Barros

Aline Prado e Neto Nigazz

Ricardo Correa da Silva

Ricardo e Isabel

Ricardo Correa da Silva RG 7493XXX

Ricardos

Ricardo e Vânia

Jane Fonda e a Doutora Anônima

Carlos e Mari Fátima

Marcelo, João Alfeu, Terezinha, Adail, Ida, Franklin e Edite

Flávio

Vicky Marroni

Flávio e André

Vânia

Vagner

Vânia, Myllena, Monica, Jéh, Andrea, Cintia, Wanda, Tayla,

Isabel e Sandra
Ricardo e Vagner
Rita Hayworth e Rosana, as bonecas chinesas
Ricardo e Vagner e Alegria e Thais e Rahat Su e mais sete gatos
machos com nomes de fêmea
Vagner Munhoz
Alessandra Ravani
Babette
Marilyn Monroe
Kara
Scherazad
Hara
Luiz Paulo Barbosa
Beth e Babette
Vênus
Ricardo e Vênus
Vânia, Ahmed e Ahmed
Monsieur Munhoz Pereira
Gaya
Katya Flávia (ou Ariane)
Vânia e Isabel
Venúsia
Epílogo
Caderno de Fotos
Autor
Créditos

Introdução

O Cemitério São Bento, no centro de Araraquara (SP), tem um túmulo sem nome. É a segunda lápide da quarta quadra à esquerda, para quem entra pelo portão onde fica a barraquinha de garapa, ao lado da floricultura. A família do finado não tem 130 reais para pagar pela placa de identificação. Mas o homem cujas cinzas estão lá morreu com um nome: Ricardo Correa da Silva.

Ricardo morou em São Paulo a maior parte da sua vida, e dizia que não voltaria para Araraquara nem morto. Fugiu da cidade do interior por ser diferente dentro de uma família tradicional, a primeira a ter um aparelho de rádio na cidade, na década de 1930. Era diferente por ser ambicioso, gay, artista e esquizofrênico. Não necessariamente nessa ordem.

Na São Paulo dos anos 1970, ele conseguiu se tornar um maquiador conhecido. Fez milagres em rosto de mulheres como Beth Carvalho e Tônia Carrero. Mas, por ironia do destino, ficou mais famoso pela própria aparência do que pela dos outros.

Ricardo queria ter o rosto de uma boneca de porcelana chinesa e investia parte do dinheiro que ganhava nos salões em silicone, que injetava em si mesmo, com a ajuda do amor da sua vida, Wagner.

Ricardo e Wagner chegaram a ter um litro e meio de silicone sob a pele antes de Wagner deixar o parceiro e a doença de Ricardo se agravar. Foi então que Ricardo começou a pedir dinheiro na rua Augusta. E passou a ser conhecido como Fofão da Augusta.

Em 2017, estive quatro meses com ele para fazer uma reportagem. A matéria foi publicada pelo BuzzFeed e viralizou nas redes sociais, com mais de 1 milhão de leitores. Um desses leitores era Wagner.

Há uma caixa de correio no hall de entrada de um prédio no Quartier Latin, em Paris, com o nome Munhoz Pereira,

V. O lugar, que costumava ser uma abadia, é hoje um conjunto de quitinetes. Em uma delas mora uma mulher chamada Vânia. Que já foi conhecida por Vênus, Venúcia, Kara, Hara, Vagner. Vânia foi Vagner, o grande amor da vida de Ricardo.

Este livro é sobre a história dos dois.

Desconhecido

“Oi! O Fofão está no Hospital das Clínicas. Amputaram o dedo dele, que estava gangrenado. Ele tem surtos, quer bater em todo mundo e tem que ser amarrado porque arranca todos os acessos. E não diz coisa com coisa.”

Essa mensagem enviada pelo Facebook piscou no celular e interrompeu o almoço do domingo de Páscoa de 2017, que caiu no dia 16 de abril, na casa da minha mãe. Quem tinha escrito era uma analista de sistemas com quem eu nunca tinha conversado, na vida real ou virtual, mas era minha amiga de Facebook havia anos.

O Fofão em pauta era um artista de rua que por mais de duas décadas entregou panfletos de peças de teatro na região da rua Augusta, no centro de São Paulo. Ele virou uma lenda urbana por causa da sua aparência: havia alguma substância sob a pele do seu rosto que o duplicava, talvez triplicava de tamanho. Suas bochechas pendiam, quase soltas, como as do personagem que apresentava um programa infantil nas décadas de 1980 e 1990. Daí o apelido.

Além das bochechas inchadas, ele desenvolveu um papo, como se o excesso do conteúdo injetado na face sofresse o efeito da gravidade. Seu nariz era muito fino, parecia esculpido pela mão do homem. Já a boca era artificialmente carnuda. E geralmente vinha coberta por batom. Às vezes, cobria o rosto com pancake branco e desenhava losangos coloridos em cima dos olhos quando saía para pedir dinheiro. Seus cabelos estavam geralmente tingidos de loiro e num corte na altura do queixo.

Da primeira vez que o vi, na rua Augusta, uns doze anos atrás, era como se eu estivesse diante do Homem Elefante do filme de David Lynch. Já tinha ouvido histórias sobre como ele era violento, sobretudo com quem o chamava pelo apelido, que detestava. Com o tempo, o susto se transformou em curiosidade e então passei a acenar toda vez que o via. Ele sempre

cumprimentou de volta.

Em 2014, eu estava andando debaixo do elevador Costa e Silva, mais conhecido em São Paulo como Minhocão, quando trombei com alguém. Me agachei para pegar o fone de ouvido que caiu no chão, e, quando me levantei, dei de cara com o rosto desse homem. Apesar do calor de mais de trinta graus, ele estava com uma camisa de tricô e um pulôver cor de abóbora. Sem pensar, eu disse: “Sempre quis entrevistar o senhor, topa conversar comigo?”. Ele respondeu muito educado, com uma voz fina e baixa que mal conseguia competir com o trânsito ao redor: “Eu sou muito humilde. Muito modesto. Eu não gosto da exposição”. E saiu andando.

Contei essa história no Facebook na época, e imagino que a pessoa que me mandou a mensagem no dia de Páscoa tenha visto o post. Foi na internet que a fama desse homem se alastrou. A comunidade Fofão Sincero chegou a ter 20 mil membros no Orkut, a extinta rede social popular no início dos anos 2000, e reunia histórias de pessoas que tinham interagido com ele. A que ainda existe no Facebook, Fofão da Augusta Sincero, tem setecentos seguidores e publica memes com as poucas fotos existentes — por exemplo, uma imagem dele com o rosto pintado de prateado recebeu a frase: “Meu cu para você que atravessa a rua quando me vê”.

Perguntei para a amiga virtual se poderia vê-lo no hospital. Ela respondeu em segundos, e eu li alto na mesa do almoço de Páscoa: “Ele está na enfermaria da cirurgia plástica como desconhecido, o quarto, meu amigo médico não lembra, porque cuida da ala inteira. Mas pode chegar lá e dar as características dele”.

Avisei que ia para o hospital. Se não conseguisse uma entrevista com o homem que sempre me despertou curiosidade, que fosse para tentar ajudá-lo de algum jeito. Meu namorado não quis ir, porque tem medo de hospital. Minha mãe, a escritora Isabel Dias, se ofereceu para ir junto, parte por interesse profissional (ela passou três décadas administrando hospitais no interior de São Paulo, antes de se mudar para a capital e lançar seu livro de estreia aos sessenta anos), parte por curiosidade (ela cruzava com ele com certa frequência na vizinhança).

O hospital fica a poucos quarteirões de distância da casa de Isabel. Levamos quinze minutos andando para chegar. O Hospital das Clínicas (HC) é o maior hospital da América Latina. É gerenciado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e seus números são colossais. O orçamento anual supera 1 bilhão de reais. Há 2200 leitos, e 320 mil pacientes do Brasil inteiro são atendidos lá por ano. De janeiro a julho de 2017, oitenta desses pacientes eram desconhecidos, segundo o HC — 52 foram identificados durante a internação. Nesse mesmo período, o hospital atendeu trinta pacientes em situação de rua.

Há até um guichê distinto, menor, na entrada do hospital, para quem vai visitar pacientes desconhecidos. O balcão, no fim do corredor de cimento queimado, também serve para encontrar pessoas que acabam de chegar pelo pronto-socorro, mães que deram à luz nas últimas horas. É a fila do mistério, definiria uma enfermeira, semanas depois. A fila das pessoas que podem ter nascido, podem ter morrido, podem ser qualquer pessoa ou ninguém, já que não estão identificadas.

O atendente pede nossos documentos. Em questão de segundos faz uma guia de reconhecimento de desconhecido, e libera nossa entrada. Subimos para o oitavo andar, onde fica a ala da cirurgia plástica. No corredor branco, há um relógio pendendo do teto, enguiçado em quinze para meio-dia, por mais que sejam quase três da tarde do domingo de Páscoa. Há dois enfermeiros de plantão.

Um deles é careca, tem dois metros de altura e uma voz mansa que não combina com o corpo, como se fosse dublado. Vamos chamá-lo de Alto. O outro é musculoso e parece se importar muito com a aparência, do topete engomado à camiseta, justa nos braços e folgada na barriga. Vamos chamá-lo de Forte.

Entregamos a Alto a autorização que nos deram na portaria. Explicamos que talvez possamos ajudar a reconhecer o paciente desconhecido. Os enfermeiros dizem que ele está internado desde março, quando chegou transferido de um pronto-socorro da região da Lapa, de onde veio com uma infecção no dedo médio da mão direita. Horas depois de ter sido recebido no

hospital, ele teve de passar por uma cirurgia de emergência. O dedo, usado para mandar para aquele lugar, foi amputado.

“Parece que ele teve uma queimadura que não foi tratada, deu infecção, tinha a presença de miíase”, conta o enfermeiro Forte. Miíase é o termo médico para uma infecção causada por ovos de moscas que se chocaram dentro da pele. Dos ovos, nascem larvas, que se alimentam do hospedeiro. Ou seja, da carne humana. Os enfermeiros explicam que mais de trinta larvas viviam dentro do dedo que foi amputado.

Dizem que o paciente está bem porque tomou um sedativo mais cedo, depois de acordar agitado. Ele tem momentos de agressividade diários. Mas naquele dia deveria ficar calmo, sob efeito de medicamentos. O enfermeiro nos conduz pelo corredor. Na parede, há uma lousa afixada, com os nomes dos pacientes. Em meio a seis pessoas com nomes e sobrenomes, há um Desconhecido. A data de entrada dele é 24 de março. Ou seja, ele já está lá há 23 dias sem que ninguém saiba o seu nome.

O quarto é limpo, grande o suficiente para ter duas camas, só uma delas feita, e tem uma vista para o Pacaembu, bairro nobre de São Paulo. Há no canto do quarto uma poltrona, onde está sentado um homem, cochilando, por mais que a TV esteja ligada no último volume. Bato na porta e peço licença.

Ele acorda, olha para Isabel e diz: “É a Edna!”. Ela diz: “Eu não sou a Edna”. Abaixo o som da TV, ligada no *Domingão do Faustão*, e tento me concentrar na sua fala, mas é bem difícil entender com clareza as palavras que ele pronuncia. Não é só pela dicção, prejudicada pelo inchaço da boca e das bochechas. É que a maioria das coisas que ele diz não faz sentido imediato. Por exemplo: “Porque ele tem que parar de caminhar sobre a dor, ficar: ‘Ai ele é dodói’, e aceitar calor humano. Calor humano, lembra quando ficamos só eu e você no planeta Marte?”.

Isabel tira da bolsa bolachas de mel decoradas com glacê e entrega para ele. Ele tem dificuldade de abrir a bandeja, então ela o ajuda. Pega uma bolacha em formato de coelho e coloca na mão dele, a esquerda, que ainda tem cinco dedos. A mão direita tem um corte, que vai do meio das costas ao meio da palma, fechado por pontos. É onde ficava o dedo médio. Ele leva a mão esquerda à boca. Agradece de boca cheia.

Pergunto se ele está precisando de algo. “J’adore”, ele diz, com a boca cheia. J’adore é o nome de um perfume da Christian Dior, uma grife francesa. É um dos perfumes que Isabel usa. “Que chique!”, ela diz para ele. Ele responde que só usa os melhores produtos quando penteia Cleópatra. Que Fátima Bernardes lhe dá banho. Que seu rosto está nas embalagens de tinturas Wella do mundo inteiro. Ele convida Isabel para sentar na segunda cama do quarto, que está desocupada, e começa a analisar o cabelo dela, de longe. “Lembra que sua preocupação era *the next coloration* [a próxima coloração]? *Now I have the answer. I was trying to study your hair* [Agora, eu tenho a resposta. Eu estava tentando estudar o seu cabelo].”

Ele também fala algumas frases em francês. Outras em italiano. No meio de uma conversa, emenda uma língua na outra. Perguntamos onde aprendeu a falar línguas. “Eu já corrigi erros de tradução da Bíblia antiga. Quando a Bíblia era transmitida através de mantras.”

Isabel o chama de Fofão seis vezes durante a conversa. Mas ele parece não se incomodar. E, no meio da conversa, é ele que dá um apelido para ela. Um apelido pelo qual vai chamá-la dali por diante: Jane, porque acha que ela se parece com a atriz americana Jane Fonda. Uma hora depois de entrar no quarto do paciente desconhecido, Jane está de mãos dadas com ele. Termina o horário de visitas. Vamos embora. Ele se despede cantando em francês:

*Laisse-moi devenir
L’ombre de ton ombre
L’ombre de ta main
L’ombre de ton chien
Je me cacherais là
A danser et sourire.*

A música que ele canta é “Ne Me Quittes Pas”. Ou “Não me abandone”, em português.

Maurice Filho, Robert, Natal, Paula Francinete

No dia seguinte, saímos pela rua Augusta à procura de alguma informação sobre esse homem. A chapelaria Plas ocupa o número 724 da Augusta desde a década de 1950. Ela foi criada pelo alfaiate Maurice Plas, que morreu em julho de 2015, perto de completar noventa anos. Desde a morte do patriarca, a chapelaria é tocada por Maurice Filho e Robert Plas, irmãos de cinquenta e poucos anos que têm mais de um metro e noventa e escondem o cabelo loiro com boinas. Robert diz que coleciona histórias sobre esse homem.

“Ele fala um francês impecável, fala italiano. Uma vez ele entrou aqui. Meu pai desceu e pediu que ele saísse. Ele ficou bravo e disse: *‘Monsieur aujourd’hui vous êtes très bavard’*. É uma coisa tão francesa de se dizer.” *“Vous êtes très bavard”* significa “Você está muito falastrão”, ele explica, enquanto o irmão Robert entra da rua. E fica sabendo sobre quem estamos falando. “Ele foi um travesti na Europa, não foi? A gente via ele chegar e trancava a porta, porque ele chegava e não queria sair. Eu estava no computador e fingia que não via. Uma vez ele entrou aqui e deitou no chão.”

Do lado oposto à chapelaria fica o açougue de Natal, que está há 41 anos na Augusta e diz ter visto a transformação física desse homem, sem nunca ter falado com ele. “Conheço ele há uma porrada de ano. Desde que ele era normal. Foi de repente, começou a detonar, detonar, foram os medicamentos mal colocados, né, meu? É assustador, né, meu?”

“Já vi ele catando lixo e sei que ele foi um profissional, assim, renomado de maquiagem”, diz Paula Francinete, cabeleireira na Augusta há 32 anos. Paula narra o dia em que ele entrou no seu salão. “Um dia uma moça apareceu pedindo ‘Por favor, deixa eu entrar’. Aí entrou o Fofão atrás, dizendo: ‘Você estava com medo de mim por quê? Achou que eu ia te roubar?’” Paula conta que, quando estava frequentando um curso de cabeleireiro, viu esse

homem fazendo escova no cabelo de clientes com destreza, uma “coisa de louco”. E nos dá um endereço onde devem conhecê-lo.

A Teruya é a maior escola de beleza da cidade. Ocupa um prédio de doze andares na avenida Rio Branco, no centro. É um salão-escola com quatrocentos alunos que fazem serviços estéticos a preços módicos, para treinar o que aprendem na teoria com professores. No primeiro andar ficam os cortes femininos. Um corte de cabelo custa quatro reais. O segundo andar é uma barbearia. A barba também custa quatro reais. E assim por diante, cada andar oferecendo um tipo de tratamento de beleza.

No quinto andar, encontramos Marli, uma asiática de meia-idade e cabelos vermelhos, que no momento está ensinando cinco alunas a fazer luzes. Ela é a decana da Teruya, disseram colegas, certamente se lembraria do visitante. “Isso já faz quase vinte anos. Ele frequentou aqui. Lembro dele vagamente. Sabia fazer escova.”

Quando estamos saindo da Teruya, meu telefone toca. Atendo. É a assistente social do HC que acompanha o paciente desde a sua internação. Ela nos convida para conversar no dia seguinte. Deduzo que ela tenha conseguido o número do meu celular no cadastro que fizemos na entrada do hospital.

Ricardo?

É quarta-feira quando voltamos ao HC. Na entrada, seguimos o mesmo ritual do domingo de Páscoa. Passamos pela fila do mistério, onde recebemos mais uma autorização de entrada. Estamos lá para identificar um desconhecido. Pela segunda vez. Subimos ao oitavo andar, onde a assistente social ficou de nos encontrar. Ela chega e nos leva para uma sala com um ar-condicionado que parece enguiçado na temperatura mais fria.

Ela diz que nos chamou porque precisa de ajuda. Conta que o paciente se apresenta como Ricardo em momentos de lucidez. “É Ricardo mesmo o nome? Desde o começo tinha uma dúvida. Não tinha nada de comprovante, documento. Eu pedi para que vocês viessem para saber o que vocês sabem e a gente se unir.”

Uma de suas funções é descobrir quem são os pacientes sem nome, ela conta, com sua voz calma. Mas esse caso está se mostrando mais complicado que a média. “A gente já teve outros desconhecidos. Mas desse eu consegui pouquíssima informação. Ele já me expulsou do quarto. Eu até entrei em contato com os serviços de população de rua dos Jardins. Até fiz o que não costumamos fazer, mandei uma foto. Nada.”

Ela explica que o problema da infecção no dedo dele já foi resolvido, então a alta poderia vir a qualquer momento. Os médicos, entretanto, têm dúvidas se ele pode voltar a viver sozinho. “Pela avaliação da psiquiatria ele tem indicação de uma possível internação. Da cirurgia plástica ele está praticamente resolvido, está de alta, não tem necessidade de estar internado.”

Como a transferência para um hospital psiquiátrico poderia demorar, era possível que ele ficasse semanas ou até meses no HC. Mas não poderia ficar ali indefinidamente. Saímos da sala da assistente social e vamos para a ala de internação da cirurgia plástica. Ricardo não está mais no quarto em frente ao posto de enfermagem. O enfermeiro Alto está sozinho, e explica que ele mudou de quarto. Está no último, mais perto da saída.

Entramos. Ricardo está nu, exceto por uma fralda geriátrica, e imobilizado na cama. Seus braços e pernas estão estendidos, com faixas de gaze cobrindo as mãos e os pés. Tiras de pano prendem os quatro membros à cama do hospital. Além disso, ele está com uma máscara cirúrgica sobre a boca. Ele foi imobilizado porque naquela manhã, dizem os enfermeiros, cuspiu numa auxiliar de enfermagem, depois de xingar uma médica. Eles dizem que podemos tentar falar com o paciente, mas ele continua agitado. Isabel pede licença para tirar a máscara do seu rosto. Ela pergunta se seu nome é mesmo Ricardo. Ele diz que sim. Pergunto o que ele faz da vida.

“Trabalho. Eu vivo de esmola. A Paulista é igual o casamento, começa no Paraíso e termina na Consolação. Eu fico em qualquer lugar que dá dinheiro. O dinheiro é a coisa mais importante da vida da gente.”

Em seguida, ele emenda: “Eu sou casado com a manicure do presidente. O Lula já morreu faz 25 anos”. Isabel envereda pelo assunto predileto dele. Pergunta se deveria dourar o tom do cabelo. Ele hesita por um segundo. E depois começa a falar calmamente: “Você mistura três gotas do blondor 772 com a tintura platinada 312. Depois bota uma ampola azul inteira, sua boba”.

A conversa sobre cabelos e hidratações dura quase meia hora. No meio tempo, Isabel pede permissão para gravar e contar a história de Ricardo em uma matéria. Ele responde: “Muita gente está insistindo sobre isso. Mas fiquem à vontade”.

Passada mais meia hora, ele vira a cabeça de lado, na direção da parede, o tanto quanto consegue com as amarras. E fecha os olhos. O tanto quanto consegue. Seus olhos não fecham completamente. As pálpebras de baixo são puxadas pelo peso das bochechas, em que ele injetou meio litro de silicone, como nos contou um médico, e não encontram as pálpebras de cima, mesmo quando ele dorme. Ou finge dormir, como é o caso. Decidimos que é hora de ir embora. Ricardo não quer visitas hoje. Avisamos em voz alta que vamos embora. Ele começa a cantar: “Não se vá... Não me abandone por favor...”.

Continuamos perguntando sobre Ricardo a toda e qualquer pessoa com quem cruzamos. Uns poucos o conhecem pelo

nome. Uma travesti da Augusta, de nome Suellen Sueca, me diz que os dois já se apresentaram juntos, na década de 1990, e que Ricardo tinha comentado que era do interior de São Paulo. Mas ela não se lembra de que cidade.

Na internet, só há anedotas. No blog A Palavra Final há um post em que a autora narra um encontro com Ricardo. Ela estava num dia ruim, chorando dentro do carro, e ele chegou na janela para pedir dinheiro. Ao ver que a motorista estava chorando, ele a consolou. Mas o que me chama a atenção é um comentário nesse post. Um comentário feito por um homem chamado Alessandro Jamas. “Sou amigo pessoal do Fofão e sei tudo sobre ele. Por isso, podem me perguntar o que quiserem.” Faço uma busca na lista telefônica e num cadastro de empresas e consigo um número de telefone registrado nesse nome. Ligo e o telefone não existe mais. Consigo também um endereço de e-mail. Escrevo para Alessandro pedindo uma entrevista. E a resposta não vem nas próximas horas. Nem nos próximos dias.

Marcelo Correa

Acordo na primeira sexta-feira de maio e, antes de tomar café da manhã, recebo um e-mail da Isabel. O assunto é “Leia isto”. No corpo do e-mail há só um link. Clico nele e sou levado a uma entrevista do *Jornal de Araraquara* de dezembro de 1999.

O título da entrevista é “Marcelo Correa é reconduzido ao destaque”, e a matéria fala sobre os hábitos de um escritor e colunista social da cidade do interior. Aprendo com o texto que Marcelo Correa gosta de fazer ioga e abomina programas como *Big Brother Brasil*. De primeira, eu não entendo o porquê de ela ter me mandado essa notícia. Até chegar ao quarto comentário feito por leitores no site. Está escrito o seguinte: “Fofão, natural de Araraquara, filho do sr. Frank e da sra. Edite, ele tem dois irmãos. Um deles, Marcelo Correa, é colunista social na Morada do Sol”.

Morada do Sol é um grupo de comunicação na cidade de 180 mil habitantes. A pessoa que fez o comentário não se identificou. Essa notícia nunca apareceu nas buscas que eu fiz pela internet. Busco mais fotos de Marcelo Correa. Descubro que, além de colunista social, Marcelo também é cabeleireiro. E que há dezenas de fotos dele na internet. Não sei se estou sugestionado pela possibilidade de eles serem parentes, mas o homem das fotos se parece com Ricardo. As maçãs do rosto artificialmente altas. A pele, esticada na testa e flácida nas bochechas. O nariz afinado.

Consigo o telefone de Marcelo Correa no Facebook. Ligo, ainda na sexta, e pergunto se o salão abre às segundas. Ele diz que sim. Que abre quando quiser, porque o salão funciona na casa dele. Na segunda-feira cedo alugamos um carro e pegamos a estrada. O caminho de São Paulo para Araraquara dura quatro horas. Passa por Jundiaí, a Terra da Uva, e Americana, a Cidade Princesa Tecelã, até chegar ao destino, que também é conhecido como a Morada do Sol.

No centro de Araraquara, não é difícil achar o salão de Marcelo Correa. Há uma placa de metal com o nome dele numa das casas mais antigas da cidade. Toco a campainha, e sou atendido pelo dono da casa, que veste uma camisa polo e calça justa cor de tijolo. Ele se parece muito com Ricardo, mesmo depois das plásticas, mas tem o cabelo penteado para o lado numa franja, e tingido de acaju. “Você que ligou na sexta, né? E veio sem marcar. O que eu faço?” Dizemos que podemos esperar até que ele esteja livre. Ele nos convida a entrar.

Passamos por um portão baixo de ferro e entramos no imóvel térreo. Não é exatamente como eu imaginava a casa de um colunista social. Tem uns oitenta metros quadrados, preenchidos por papéis e móveis, muitos móveis. Marcelo pede que a gente espere na sala enquanto ele termina o corte de cabelo do gerente da Caixa Econômica da cidade. O escuro da sala está repleto de pinturas que parecem ter sido feitas por amadores e de antiguidades, que estão à venda. Uma poncheira de louça verde-bandeira custa trezentos reais, diz a etiqueta colada nela. Há um aparelho de abdominal quebrado no canto.

Além das antiguidades, há uma cama hospitalar encostada na parede em frente ao sofá de plástico cinza onde nos sentamos. Sobre a cama está uma idosa. Ela está nua da cintura para cima, porque jogou no chão o cobertor. É Edite, a mãe de Ricardo, descobriríamos em poucos minutos. E também descobriríamos que ela completava 78 anos naquele dia.

Marcelo termina em quinze minutos e nos recebe. Senta numa cadeira de escritório, que fica na frente de uma escrivaninha entulhada de papéis. Conto que Ricardo está hospitalizado sem registro em São Paulo. Ele confirma que é seu irmão. O desconhecido se chama Ricardo Correa da Silva, é cabeleireiro e maquiador e vai completar sessenta anos em dezembro de 2017.

Marcelo conta que não é a primeira vez que pessoas vão até sua casa para conversar sobre Ricardo. Nem a segunda. Nem a quinta. Afirma que já retiraram o irmão com camisa de força daquela mesma sala. E que da última vez que Ricardo esteve em Araraquara, cinco anos antes, não o recebeu. Diz que sentiu medo e quis romper um ciclo de dor. Ele aceita ser gravado

enquanto conversamos.

“Você me desculpe, querido. Eu não tenho mais condições de ajudar, você me compreenda.” Marcelo cuida sozinho da mãe, por mais que tenha três irmãos. Além de Ricardo, Marcelo tem um irmão gêmeo, que está cumprindo pena de dois anos e onze meses por tráfico de drogas, ali mesmo em Araraquara. Há ainda um quarto irmão, Julio, sete anos mais novo que Marcelo, que mora em São Paulo e de quem voltaremos a falar logo mais.

A família sempre foi normal, ele diz. O pai, Frank, era uma figura conhecida. Teve a primeira loja de rádios da cidade. Convivia com a elite local. Mas a bebida e as más escolhas de negócios fizeram a família perder quase tudo. O pai morreu em 2006 e desde então a saúde da mãe, Edite, se complicou. Faz um ano que o Alzheimer se agravou, e ela não sai da cama. Mas, bem antes da morte do pai, Ricardo já havia saído de casa. Por opção, terminou o ensino médio e foi ser cabeleireiro em São Paulo.

“Eu tenho 36 anos de cabeleireiro e aprendi muita coisa com ele”, diz Marcelo. “Papai chegou a dizer: ‘Marcelo, você tem as coisas que seu irmão não tem: disciplina e trata seu cliente com respeito. Agora, o dom que ele tem, tsc, tsc, tsc’.”

Conforme os irmãos foram crescendo, a sexualidade virou uma questão na família. Marcelo é bissexual, foi casado por cinco anos com uma mulher, a quem chama de Claudia Marina Baronesa de Miranda. O irmão que está preso é gay, assim como Ricardo. Por causa da sexualidade Ricardo se mudou para São Paulo, diz Marcelo, que ficou no interior estudando letras, mas ia passar temporadas com ele. Foi quando Marcelo começou a aprender o ofício que compartilhava com o irmão mais velho.

“Eu atendi várias celebridades. Alcione, Gloria Menezes. Atendi todas por conta da influência do Ricardo. Esse pessoal, quando chegava em Araraquara para fazer um show ou uma peça, me ligava.”

Marcelo é conhecido na cidade. Teve um programa de colunismo social na TV Mulher local, na década de 1990. Foi colunista de jornais araraquarenses. Chegou até a ser citado numa reportagem da revista *Veja* como uma das pessoas mais influentes da região. Hoje, se divide em vários empregos. Dá aulas de ioga. Faz assessoria de imprensa. Também é filiado ao

Partido Progressista, sigla de direita cujo maior expoente é Paulo Maluf, mas diz que abriu mão de sair candidato para ajudar os correligionários. Marcelo também é massoterapeuta, quando é preciso. O segundo quarto da casa é ocupado por uma cadeira e uma mesa de massagem, e Edite dorme na sala mesmo.

Pergunto se ele não ficava assustado por fazer parte de uma família com um histórico mental desses, com o Alzheimer da sua mãe e a condição de saúde de Ricardo. “Vamos pensar, Francisco, que as características genéticas, de possibilidades de quadros demenciais na família, sejam agravadas por estilo de vida. É aí que você quer chegar, né, senhor jornalista?”

Em muitos momentos ele adota um tom hostil como esse nas suas respostas. Até que começa a fazer piada da própria raiva. “Respeite a minha empáfia, minha arrogância, o meu pernosticismo, o meu pedantismo!” Diz que foi a um psicólogo e que lá ouviu que a ira o motivava. E ri. Enquanto fala do seu temperamento, a mãe balbucia algo que não consigo entender. Marcelo se levanta, vai até a cama onde está Edite e pergunta se pode ler um poema que escreveu para ela. Dizemos que sim. Ele começa a declamar:

O FOGO BRANDO DAS LEMBRANÇAS GASTRONÔMICAS

*Eu não sei cozinhar, mas é como se soubesse
Cozinhar é meio que escrever
Você vai cozinhando em banho-maria e oração
Quando mamãe cozinhava, aquela dinâmica pia-fogão
Atraía meus instintos de criança
Posso ajudar, mamãe?
Pode, lave a louça.
Antes, eu lambia os beiços, as panelas e os dedos
Hoje, eu cozinho para ela
Aprendi sem saber
Fervento as lembranças
Frito os miolos para recuperar a memória dos temperos, aromas e
sabores
Deitada na cama hospitalar, ela se esquece às vezes
De abrir a boca para engolir*

*image
not
available*

pedir uma cópia da certidão de nascimento de Ricardo. Como ele nasceu há quase seis décadas, fomos avisados que o processo de busca poderia levar alguns dias. Uma das pessoas que entrevistamos se ofereceu para passar ali na semana seguinte e, caso eles tivessem encontrado o documento no tomo de 1957, nos enviar uma cópia. Ou é bem capaz que não encontrassem nenhum registro de Ricardo. É como se a cidade tivesse se esquecido desse seu filho.

De volta a São Paulo, procuro todas as pessoas que são de Araraquara, ou têm alguma ligação com o lugar. Um deles é Virgílio Abranches, que deixou a cidade há mais de vinte anos para ser jornalista na *Folha de S.Paulo*, onde eu também trabalhei por dez anos. Em 2017, Virgílio é diretor do programa do Gugu e só volta para a cidade algumas vezes por ano, para visitar a família. Mas se lembra bem da figura de Ricardo, quando nos encontramos numa padaria em Higienópolis e pergunto se o homem da rua Augusta fez parte da sua infância em Araraquara.

“Eu me lembro que era na minha adolescência nos anos 1990. E é muito clara a imagem dele na rua. As pessoas dizendo que ele era perigoso e garoto de programa. Acho que ele não era tão deformado como é agora, mas já tinha o rosto mais estranho. Acho que ele já tinha começado a fazer as aplicações.”

Diz que via Ricardo na avenida 36, uma das mais nobres da cidade, à noite, vestindo roupas de mulher. “Era um personagem caricato na cidade. Não era querido, era ridicularizado.” Conto para ele que conversamos com várias pessoas em Araraquara, e que nenhuma delas disse conhecer o homem de rosto singular. “Araraquara é uma cidade conservadora. Chega alguém de fora, jornalista, acho que assusta. É um tema tabu. A cidade busca se orgulhar das pessoas. Muitos dos araraquarenses não têm orgulho do Zé Celso [Martinez Correa, um dos dramaturgos mais importantes do Brasil, que não é parente dos Correa de Ricardo], por motivos óbvios. As pessoas têm preconceito, dizem que ele é louco, ou por ser homossexual. As pessoas querem se orgulhar da sua cidade, dos seus personagens. Eles não vão falar do Fofão da Augusta, que é marginalizado em várias frentes. Por causa do homossexualismo, da sua história. Eu acho que muita gente da cidade tem vergonha de dizer que ele é de lá.

*image
not
available*

A cada visita, Ricardo parece mais em contato com a realidade. Uma psiquiatra da equipe que o tratava disse que eles acreditavam ter encontrado remédios que conseguiam manter a esquizofrenia dele controlada. Os enfermeiros contavam que os episódios de agressividade aconteciam cada vez mais raramente. Calmo, Ricardo nos conta sobre sua vida nos últimos anos. “A rua não é a sala da casa da gente. Tem que ter muito tato, muita sensibilidade.”

Ricardo não chegou a São Paulo como morador de rua. Chegou em 1978 com uma mão na frente e outra atrás, aos 22 anos, mas logo conseguiu empregar as duas mãos num trabalho que lhe deu dinheiro. E renome. A versão que corre entre mais de dez cabeleireiros do centro com quem eu conversei é que ele foi uma estrela do bairro nos anos 1980.

Marcelo, o irmão colunista social, disse que foi no salão Shirley's que Ricardo começou sua carreira. Onde ele aprendeu a fazer uma das melhores escovas da cidade. Era lá também que ele, Marcelo, vinha fazer estágios quando passava as férias em São Paulo.

*image
not
available*

Alessandro Jamas

Mais de dois meses depois de eu ter enviado um e-mail para ele, Alessandro Jamas, o homem que se dizia poeta e amigo de Ricardo num comentário na internet, me responde. Diz que seria um prazer falar sobre os anos que passou com Ricardo.

Alessandro é professor de gramática na Fundação Casa, a antiga Febem. Tem 38 anos, mas aparenta ter menos. Bem menos. É magro e tem a constituição física de um menino. Um menino que fuma um cigarro atrás do outro, enquanto se move muito rapidamente. Antes de ser professor, ele trabalhou com Ricardo nas ruas de São Paulo. “Eu tinha 21 anos. Morava com os meus pais. Eu vinha me maquiar e ficar com essa gangue do Ricardo que ficava nas ruas da Paulista pedindo dinheiro para peça de teatro.”

O grupo chegou a ter 25 pessoas, ele conta. Ricardo e um amigo inseparável, de nome Carlos, se pintavam de palhaço. Os outros jovens se vestiam com fantasias e se dividiam em grupos de duas ou três pessoas, pelas ruas próximas à Augusta. Diziam que estavam levantando dinheiro para montar uma peça de teatro. Uma peça de teatro que angariou dinheiro por mais de dez anos, mas nunca foi montada. “Então, não tinha espetáculo. O show era ali, na hora. As caras pintadas, os figurinos. Eu usei um vestido de noiva da minha mãe, todo de renda *guipir*, era um bonito show.”

No fim do dia, o grupo voltava a se encontrar. Eles não usavam drogas, me disseram Alessandro e outros três ex-companheiros da trupe de Ricardo. A não ser que você considere fast-food uma droga. “A gente tinha que faturar dinheiro para comer no McDonald’s. Não tinha esse lance de crack que tem hoje. A gente gastava com McDonald’s, churrascaria. Era se encontrar para comemorar, falar o que fez no dia. Depois o Ricardo saía, ia comprar maquiagem. Outros iam comprar livros.”

Ricardo estava internado. Disse que não o visitava por não saber como, e também porque não era bem tratado. “Quando ele tem os surtos, a polícia leva ele para os manicômios, os hospitais psiquiátricos. Ele sai melhor, mas daí para de tomar medicamentos.”

Foram ao menos sete internações, contando com esta do HC. A maioria delas aconteceu, ele diz, por violências que Ricardo sofreu na rua. Faz dois anos que os dois se afastaram. Não moram mais juntos, porque Ricardo queria privacidade. Mas conversam quando se encontram. Há muito carinho na distância que guardam. “Ele é duro na queda, sabe? Muitas vezes já pediram para ele tirar o silicone do rosto, chamando ele de deformado, de Fofão. Mas eu acho meu amigo bonito, entende? Apesar de todas as deformações e espancamentos que ele sofreu, ele é uma pessoa bonita.”

Carlos é elegante. Não entra em pormenores das duas décadas que passou com Ricardo, diz que vai perguntar para o amigo se pode abrir as lembranças dos dois, antes de conversar mais comigo. “Ele é reservado, eu preciso respeitar essa característica dele. Os artistas são assim, preferem ter um universo mais seletivo.” No fim da conversa, dou cinquenta reais para Carlos. Ele diz que com o dinheiro vai poder não trabalhar pelo resto do dia. Que deixou de gostar da rua, onde as pessoas são odiosas. Ele usa a palavra “odiosas”. “Nós somos famosos mesmo, muita gente nos odeia.”

escrito DESCONHECIDO, no pulso de Ricardo, e coloca no lugar uma com seu nome completo. O quadro de pacientes no corredor também passa a mostrar seu nome completo.

Ricardo Correa da Silva não é mais um desconhecido. Ao menos para o HC.

Voltamos ao hospital mais duas vezes depois que Ricardo foi identificado. Ele está cada vez mais calmo. Conversamos sobre como ele se sente depois de ter deixado de ser um desconhecido lá dentro. “Eu não sou desconhecido. Eu sou muito popular. Eles fazem isso porque querem dispor de mim.”

Sim, ele continua achando que algumas pessoas (e a Polícia Federal) estão atrás dele. Mas aos poucos ele se abre. Conta sobre o período mais obscuro da sua vida em São Paulo, quando foi despejado do salão em que trabalhava, na Vila Mariana, e acabou na rua. “Quando veio a reintegração de posse eu tive de guardar tudo na minha pensão. O rapaz se fez passar pelo meu filho, roubou tudo o que eu tinha. Eu perdi tudo o que eu tinha no salão.”

A família afirma que Ricardo foi despejado quando sua doença mental se agravou e ele deixou de ser capaz de administrar uma vida, quanto mais um negócio como o salão que tocava. Em internações anteriores, médicos o diagnosticaram com esquizofrenia aguda. Um relatório médico que obtive com funcionários do HC afirma, em 3 de maio, que houve “uma melhora do quadro psicótico”, mas pedia cuidados com ele, que tinha “uma doença de base de evolução crônica”.

Nesse dia, ele parece sob controle. Sóbrio. É a primeira vez que comenta as alterações estéticas que fez no rosto. “Eu tenho muitas aplicações de silicone, plásticas no nariz, plástica na orelha, plástica na pálpebra. Eu ganhava bem e era vaidoso, queria ficar todo modelado. Era silicone para uso médico. Daí, de tanto dormir em cima, caiu. É que eu sofri um espancamento na delegacia de polícia.”

A essa altura, pergunto de novo se ele autoriza que sua história seja contada numa reportagem. “É claro! Desde que não exagerem a minha importância no mundo”, ele responde. Em seguida, pede para fazer uma foto com Isabel. Ele está vestindo um casaco bege que era dela quando a abraça no corredor. Posa

Ricardo e Isabel

Passo duas tardes no acervo do *Notícias Populares*, lendo notícias como “Gangue surrou menina porque ela é gostosa”, sobre uma menina de catorze anos que apanhou de outras pelo que o jornal chama de frescura, e “Pacto com capeta ferrou minha vida”, sobre um carroceiro que dizia ter cortado sua própria mão direita e a atirado para um cachorro porque o demônio mandou. Na quarta hora do segundo dia, quando estou prestes a desistir, aparece em branco e preto na tela da máquina de microfilme um rosto conhecido. Mais jovem e mais disforme, mas conhecido. A manchete da edição de 16 de junho de 2000 é “Passou a mão no colar para ficar um gato”.

A matéria sobre Ricardo ocupa quase uma página inteira do jornal e tem três fotos. Em uma, Ricardo está sem camiseta, na delegacia. A segunda foto é de uma gargantilha de ouro com que ele saiu da loja de penhores na avenida Paulista, dizendo que precisava se arrumar porque naquela noite se casaria com Carlos. A terceira foto é um close do rosto de Ricardo, visto de baixo para cima. As bochechas estão mais inchadas, projetadas. Os olhos estão quase fechados.

A notícia narra o ocorrido. “Depois de ficar se admirando no espelho com as três joias, avaliadas em 3500 reais, o cara de pau mandou que a porta da joalheria fosse aberta, porque ele precisava ir embora. Os PMS Ramos e Rodrigo, que prenderam Fofão, disseram que ele teve a coragem de parar na frente de uma cabine da polícia, no cruzamento com a rua Augusta, e ajeitar a gargantilha. Isso depois de fazer xixi na porta do Banco do Brasil, com todas as pessoas que passavam na Paulista vendo ele com o bilau de fora.”

Então o medo de Ricardo tinha um fundamento. Mas esse fundamento não era mais válido. Com a ajuda de um advogado, levanto o caso de Ricardo e descubro que o processo foi arquivado em 27 de setembro de 2011 pela juíza Maria Cecilia

Pelo contrário. É como se São Paulo o abraçasse. Nos separamos no fim da tarde. Ele fica na avenida Paulista, em frente ao parque Mario Covas, e eu volto para casa.

Nos próximos dias, a rotina de Ricardo volta ao normal. Dorme durante o dia no hotel Alfama, na Cracolândia do centro paulistano, e trabalha à noite na avenida Paulista, para onde vai andando num ritmo lento. Senta e descansa em pontos de ônibus e em bares — sem, no entanto, beber nada. No caminho, é parado por pessoas que querem conversar, que oferecem dinheiro, que querem fazer uma foto.

Dois dias após a matéria ser publicada, numa segunda-feira, estou andando com Ricardo até o seu trabalho quando ele diz que quer tirar documentos. “É que perdi os meus outros.”

Marco um horário no Poupatempo, órgão do governo em que se resolvem rapidamente pequenas burocracias, para a quarta-feira, às treze horas. Uma hora antes, passo no hotel, onde ele espera com os cabelos penteados para trás, ainda molhados. “Eu nem dormi. Trabalhei até as três da manhã e fiquei te esperando, não queria atrasar.” Fazemos o caminho entre o hotel onde ele mora e a praça da Sé pelos calçadões do centro da cidade.

Uma jovem pede para fazer uma selfie. Ricardo a abraça. Depois pergunta se eu não quero fazer uma fotografia dele. “Hoje eu me arrumei bastante. Estou que nem no tempo da Shirley.” No retrato, ele está em pé, no meio de uma multidão na rua XV de Novembro. Ele olha para a câmera, mas não sorri.

Chegamos à praça da Sé meia hora antes do horário agendado. Pergunto se Ricardo está com fome. Ele diz que não tomou café da manhã, só jantou frango frito do KFC, presente de um grupo de jovens na avenida Paulista. Paramos em um restaurante. Comenta que é a primeira vez que ele come em um restaurante em muitos anos. “Sou muito simples, não gosto de chamar atenção.” Pede estrogonofe com arroz e batata palha. Come com o garfo na mão esquerda e a faca na direita, como manda a etiqueta. “O serviço é bom, mas a porção poderia ser mais generosa”, diz, quando estamos saindo.

O Poupatempo parece mais um palácio do que um prédio público. O edifício, inaugurado em 1941, é de granito e tem proporções titânicas: as luminárias penduradas no teto, a mais de